

"No meu tempo de menina, desde o momento em que me entendi como gente, vi amanhecer festiva a minha cidade, em 23 de junho. Homens corriam, carregando à cabeça tabuleiros cheios de ervas próprias para o banho da felicidade. Seus pregões embalarão as mangueiras que arborizam as praças e as ruas de Belém, caindo como promessas no coração das curibocas.

- Cheiro cheiroso! (a pronúncia local: chêro chêroso!)

Portas e janelas se abriam. Os homens paravam de casa em casa, desciam os tabuleiros; ervas, raspas, folhas, pedacinhos de madeira passaram de suas mãos às da compradora. Ninguém queria perder o direito à felicidade: ricos e pobres. Nos fogões e nas fogueiras - as mesmas que iriam iluminar a noite do santo - a grande lata fervia com os vegetais perfumados da Amazônia que, ralados, esmagados, verdes pela juventude ou amarelados pela velhice, dão, depois de fervidos, um líquido esverdeado com o exuberante perfume de mata virgem. Patchuli e pau-de-Angola, priprioca, catinga de mulata, manjerona, bergamota, pataqueira, cipó-catinga, arruda, cipó-uira, baunilha, corrente, perfumes selvagens e certo, mas que misturam minha vida de hoje com a de ontem, com a mesma intensidade.

.....
"Até hoje nunca me faltou o banho-de-cheiro, o banho da felicidade que vou buscar, anualmente, na minha terra. Enormes garrafas trazem, pelos ares, as águas cheirosas de minha gente.

Tenho sido sempre fiel à minha terra e ao meu povo. A conquista da felicidade é fácil; basta escolhermos um caminho, construirmos com as nossas mãos e o nosso raciocínio, pacientemente, a nossa consciência de viver. Considero-me uma mulher profundamente feliz: sei que o sou porque cedo tomei posse de meu destino e pela estrada escolhida caminho sem desfalecimento. Mas jamais deixarei de dar, ao banho-de-cheiro de minha terra, uma pequenina parcela na construção de minha felicidade."

(Enelda - In Banho de Cheiro)

Eneida

Cronologia da vida e da obra

1904

- Nasce **ENEIDA VILAS BOAS COSTA**, no dia 23 de outubro, primogênita de Guilherme Joaquim da Costa e Júlia Vilas Boas da Costa, em Belém, na casa construída por seu pai, na travessa Benjamim Constant.

1908

- Aprende as primeiras letras na escola primária da professora Hilda, na travessa Rui Barbosa. Com a mãe, muito culta, e a governanta francesa Elise Platt, aprende o francês.

1911

- Sai de Belém para ser interna no Colégio Sion, em Petrópolis.

- No Colégio Sion, recebe a notícia do nascimento de sua irmã Nereida, muito anos depois de nascidos os irmãos Guilherme e Manoel Guilherme. Enciumada, escreve aos pais comunicando que iria entrar para o noviciado para ser freira. Preocupada, a família providencia sua volta para Belém.

1918

- Volta a Belém com quatorze anos incompletos, e é matriculada no Ginásio Paes de Carvalho. Lá torna-se colega e amiga de Peregrino Júnior.

1919

- Morre sua mãe, Dona Júlia, maior amiga e confidente, vítima da gripe espanhola. A perda materna provoca imprevista mudança em sua vida.

- Lutando pela emancipação, rebela-se contra o pátrio poder da autoridade paterna e requer maioridade ao juiz de menores, o que lhe é negado.

1920

- Faz os estudos preparatórios no Colégio Gentil Bittencourt e mais tarde matricula-se na Faculdade de Odontologia não por vocação, mas para ter um diploma de escola superior e independência financeira. Conclui o curso em um ano e é oradora da turma.

1921

- Casa-se com Genaro Baima de Moraes, com quem

tem dois filhos - Léa e Otávio Sérgio, e passa a chamar-se Eneida de Moraes.

1925

- Viaja para o Rio de Janeiro, a passeio, e na redação da Revista "Para todos" da qual era colaboradora, conhece o escritor Álvaro Moreyra, e sua mulher, D. Eugênia, de quem se torna grande amiga.

1927

- De volta a Belém, Eneida dedica-se à poesia e ao jornalismo, e passa a escrever no jornal "O Estado do Pará", fazendo crítica literária, sob o comando de Alcindo Cacela e de Santana Marques. Faz parte desse jornal um grupo de jovens e brilhantes jornalistas: Paulo de Oliveira, Orlando de Moraes, Sandoval Lage, padre Cupertino e Edgar Proença.

1929

- Começa a impressão de "Terra Verde", pela Livraria Globo; uma coletânea de poesias publicadas em revistas e jornais, às quais junta algumas ainda inéditas. Lança "Terra Verde" e faz-se presente na "Revista de Antropologia", de Raul Bopp.

1930

- É homenageada, pela participação em todos os movimentos literários do Estado, por um grupo de intelectuais do Pará e do Amazonas, à frente do qual está o escritor Raimundo Moraes. Recebe o prêmio "Muiraquitan" (pedra verde das Amazonas, ou Icamíabas) por ser a "fiandeira literária de planície".

- Separada do marido, e desquitada, parte para o Rio a fim de recomeçar nova vida e hospeda-se na casa de parentes. Passa a chamar-se simplesmente "ENEIDA", seu nome literário para sempre.

- Abandona a poesia e entra no terreno da prosa, trocando-a pela crônica e pelo conto.

1932

- Parte para São Paulo, em busca de emprego, numa fábrica.

- Seduzida pelo socialismo da ideologia comunista e pela leitura das teorias de Marx, Engel, Bukarin, Lenine

e outros, ingressa no Partido Comunista e toma parte de diversos debates, através da imprensa escrita.

- Fica presa durante quatro meses, junto com outros companheiros de militância .

1933

- Depois da Revolução Constitucionalista, com a anistia dada aos revoltos presos, Eneida é solta por engano para logo depois ser perseguida como comunista. Para escapar de nova prisão, refugia-se numa cidade do interior paulista até voltar para o Rio. -

- No Rio mora na rua Moraes e Vale, no mesmo prédio em que poeta Manoel Bandeira tinha seu apartamento. Passa, depois, para a rua Visconde de Maranguape, na Lapa.

1936

- Sofre sua segunda prisão política e passa um ano e seis meses na Casa de Detenção. Lá, em companhia de outros intelectuais presos, lidera greves contra maus tratos no pavilhão feminino e dedica-se à literatura. Escreve o livro de contos "Quarteirão", que não foi publicado.

- Seu companheiro de prisão, Graciliano Ramos, seleciona desse livro o conto "O Guarda-chuva" para incluí-lo na "Antologia do Conto Brasileiro" e menciona o nome da autora em "Memórias do Cárcere".

1937

- No segundo semestre é solta e passa a trabalhar em jornais e revistas escrevendo artigos políticos e crônicas, além de trabalhar como repórter, datilógrafa e tradutora.

- De acordo com suas convicções ideológicas, continua a sua atividade política o que lhe vale muitas outras prisões e desempregos:

- Durante o Estado Novo é presa onze vezes, e nesta situação fica até 1946.

1946

- Vitoriosa no sul, escreve nas colunas do "Diário Carioca", "A Tribuna Popular", "Novos Rumos", "O Seminário", "A Noite", "Hoje", "O Comício", "Diário de Notícias", "Sombra", e mais tarde "Jóia", "Senhor", "Manchete", "Leitura" e na "Revista da Globo".

- Começa a escrever no jornal feminista "Momento Feminino" e toma parte na organização do 1º Congresso de Escritores, na fundação da União Brasileira de Escritores (UBE), e em diversos festivais de escritores.

1949

- Sai do seu apartamento na rua Barão de Ipanema, em Copacabana, rumo ao Pará a fim de rever sua cidade,

parentes e amigos de infância e juventude.

1950

- Vai para Recife, Pernambuco e, de lá, para a Europa. Em Paris, aproxima-se do meio literário e artístico, convivendo com escritores e artistas como o pintor espanhol Pablo Picasso, o escritor português Ferreira de Castro - autor de A Selva, o pintor Antônio Bandeira, entre outros.

- Frequenta o Comitê Nacional de Escritores, assistindo conferências, palestras e debates.

- Faz cursos de literatura geral e infantil.

- Manda, para os jornais e revistas do Rio, cartas e notícias da Europa. De lá, envia colaboração escrita e paga ao jornal "Diário Carioca", com o qual colabora até 1953.

1951

- Volta da Europa e começa a escrever no "Diário de Notícias", onde tem uma coluna com o título "Encontro Matinal", crônica que dura mais de vinte anos.

- Escreve um livro crônicas de que ficou inédito: "Paris e Outros Sonhos".

1953

- Faz sua incursão na literatura infantil com "Sujinho de Terra", livro inédito, obtendo o Prêmio de Literatura Infantil, instituído pela então Prefeitura do Distrito Federal.

1954

- Publica "Cão da Madrugada" pela Livraria José Olímpio Editora, Rio, crônicas publicadas na "Diário de Notícias" e no "Diário Carioca", aos domingos .

- Publica "Alguns Personagens" - MEC - Serviço de Documentação, livro dedicado ao poeta Carlos Drummond de Andrade, composto de uma novela e cinco reportagens. Os entrevistados são: Anibal Machado, Di Cavalcante, Murilo Mendes, Carlos Ribeiro, Claudia Santana, também o livro: Dois metros e cinco, romance de J. M. Cardoso de Oliveira. A novela chama-se: "Cló-Cló, entre oceanos, mares e rios".

1957

- Apresenta "Aruanda", Livraria José Olímpio Editora-Rio; livro de crônicas memorialistas, dedicado aos irmãos Guilherme (Guilhito) e Manoel Guilherme (Manduca).

1957

- Idealiza o "Baile dos Pierrots", famosa e concorrida festa do carnaval carioca

1958

- Escreve "História do Carnaval Carioca", dedicada ao povo carioca, pela Editora Civilização Brasileira - Rio; um magnífico documentário da festa folclórica e resultado de uma pesquisa intensa.

1959

- Viaja para a Rússia, em maio, representando a União Brasileira de Escritores - na época sob a presidência de Peregrino Júnior - convidada pela União de Escritores Soviéticos, a fim de participar do II Congresso de Escritores da URSS.

- Estende essa viagem a outros países socialistas: Checoslováquia e China.

- Lança o livro "Caminhos da Terra", editado por Antunes e Cia Ltda, em que faz o relato destas visitas aos países socialistas.

- Volta ao Brasil, passando por Paris, onde fica durante quinze dias.

- Escreve, ainda em 1959, de parceria com Paulo Berger, "História dos Subúrbios - Copacabana", uma deliciosa crônica histórica do bairro, editada pelo Departamento de História e Documentação da Prefeitura do Distrito Federal. Rio.

- Ainda em 59 é operada da laringe.

1962

- Publica "Romancistas Também Personagens", pela Editora Cultrix Ltda, São Paulo; uma série de dezesseis reportagens literárias com romancistas conhecidos, dedicado a Jorge e Zélia Amado. Os "personagens" são: Adalgisa Neri, Campos de Carvalho, Dalcídio Jurandir, Dinah Silveira de Queiroz, James Amado, João Climaco Bezerra, Jorge Amado, José Condé, Geraldo França de Lima, Hernani Donato, Janes Condé, Lêdo Ivo, Lúcia Benedetti, Maria de Lourdes Teixeira, Miécio Tati, Moacir C. Lopes e Santos Moraes.

- Publica "Banho de Cheiro", pela Editora Civilização Brasileira, livro de evocações e crônicas memorialistas dedicados a cidade de Belém e à filha Léa, considerado, pela crítica, como o seu melhor livro.

1965

- Publica "Boa Noite, Professor", pela Editora Civilização Brasileira S.A. Rio; - o livro contém uma novela e dois contos, dedicado a seu filho Otávio Moraes e a Anibal Machado.

- Desfila no carnaval, na Ala dos Pierrôs, pelo Salgueiro, cujo tema enredo é a História do Carnaval Carioca, se consagrando a escola campeã de 1965.

- Faz a tradução, adaptação e prefácio da obra "Contes

tirés de Molière", ("Molière narrado para crianças"), da professora francesa Jeanne Ch. Normand, lança pela Editora Letras e Artes, Rio.

1966

- Doente, afasta-se dos meios intelectuais e deixa de escrever livros.

- Faz, em fevereiro, o seu último "Baile dos Pierrots, depois de realizá-lo durante anos, no Rio de Janeiro, desta feita, em Belém do Pará, no Clube do Remo - Para a festa, com 1.800 pierrôs, a cronista traz do Rio de Janeiro figuras de destaque no meio artístico.

- Ainda em fevereiro, deste ano, já bastante doente, grava para o Museu da Imagem e do Som. Entre os entrevistados está o romancista paraense Dalcídio Jurandir.

1967

- Escreve especialmente para a revista Manchete

1968

- Participa do show Carnavália, no Teatro Casa Grande, Leblon-Rio, uma história do carnaval através da música, sendo a autora do texto.

1969

- Portadora de câncer no pulmão, inoperável, é operada e tratada pela equipe do Dr. Mariano de Andrade, de um tumor, no intestino.

- Meses antes de morrer, no dia 18 de março, escreve uma carta testamento aos filhos e aos irmãos, Guilhito e Manduca, já pedindo para ser enterrada em Belém, no Cemitério de Santa Izabel, sob as mangueiras.

1971

- Em janeiro, viaja para Belém para fundar o Museu Paraense da Imagem e do Som, sua obra e seu sonho, a convite do seu amigo o governador Alacid da Silva Nunes, quando fala pela última vez aos paraenses, em discurso filmado e gravado pelo Museu, cujo diretor é Olavo Lyra Maia.

- Muito doente e saudosa dos filhos, netos, bisnetos e amigos cariocas, insiste em voltar para o Rio, para onde vai, acompanhada do irmão Guilherme e de sua governanta e amiga Olgarina Monteiro do Rosário.

- Em 10 de março, já no Rio, é internada no Hospital Miguel Couto, no quarto 219, assistida carinhosamente pelos médicos Fernando Pompeu e Sérgio Carneiro.

- Falece às 6:30 da manhã do dia 27 de abril. Os noticiários dos "jornais falado", das emissoras de rádio e de televisão, em diversos canais, dão a nota triste do falecimento.

- O representante do Pará, no Rio (Guanabara), General Antônio Linhares de Paiva, comunica oficialmente a notícia ao governador paraense Fernando Guilhon, através de telegrama.

- O corpo é velado, em câmara ardente, no Rio, no Museu da Imagem e do Som. O caixão mortuário, com o consentimento da família, em homenagem, é coberto com a bandeira vermelha e branca prateada do Salgueiro, escola de samba de que Eneida era torcedora fervorosa.

- Cravo Albim convida os presentes para ver a fita com a gravação do depoimento de Eneida, feita para o MIS em fevereiro de 47, no estúdio "Elizeth Cardoso", ao lado da sala, em presença de própria cantora, sua grande amiga, e de Marlene, também cantora e amiga.

- No velório, estão presentes, além dos filhos e parentes, o livreiro Carlos Ribeiro, Peregrino Júnior, Nunes Pereira e Homero Homem, representantes de diversas entidades de classe, jornalistas, escritores, livreiros, artistas, cantores, compositores, membros das escolas de samba e muitas outras sociedades recreativas e carnavalescas.

- Às 22 horas a urna mortuária é transportada do MIS ao Galeão, com o acompanhamento de parentes e amigos, para embarcar em avião da Cruzeiro do Sul, em voo direto para Belém, chegando no aeroporto de Val-de-Cans às 3:30 da madrugada do dia 28, e é levada para o Instituto Histórico e Geográfico do Pará.

- O MIS do Pará faz a gravação dos discursos e atos fúnebres.

- O féretro, coberto pelas bandeiras do Estado e do Clube do Remo é transportado pelas ruas de Belém, parando por alguns instantes no Teatro da Paz, no Ver-o-Peso e na esquina da rua onde nasceu a escritora.

- No cemitério Santa Isabel é conduzido entre filas de estudantes uniformizados.

- A folclorista Maria Brígido discursa dando adeus à Eneida, que é enterrada na campa número 573, ao lado do jazigo de família, sob as mangueiras. Na lousa fria do túmulo, conforme seu desejo, o epitáfio: "Aqui jaz

ENEIDA. Esta mulher nunca topou chantagens".

1973

- Em janeiro Veloso Leão publica "Eneida ... simplesmente Eneida" - ensaio bibliográfico, pela Editora Livraria São José -Rio.

- Em fevereiro, a Escola de Samba Salgueiro presta-lhe uma homenagem com seu samba-enredo "Eneida, Amor e Fantasia".

1978

- É inaugurada, em Belém, no bairro da Pedreira, a Praça Eneida de Moraes.

- A escola de Samba Quem São Eles, de Belém, desfila na Avenida Presidente Vargas homenageando a escritora com o tema "Eneida sempre amor", música enredo de João de Jesus Paes Loureiro e Simão Jatene.

1989

- A Secretaria de Estado de Cultura do Pará, através do Projeto Lendo o Pará, publica em um só volume os livros "Banho de Cheiro" e "Aruanda".

1993

- Em outubro, durante a cerimônia de instalação da Universidade da Amazônia, o Curso de Letras, lança o número zero (projeto experimental) da Revista Asas da Palavra, tendo Eneida como tema.

1997

- No dia 24 de junho, o Curso de Letras da Universidade da Amazônia, lança o sexto número da Revista Asas da Palavra, novamente dedicado à Eneida, desta feita em versão mais completa, em meio à programação Banho de Cheiro, da UNAMA CULTURAL.

* Produzido pelos alunos do Curso de Letras da UNAMA

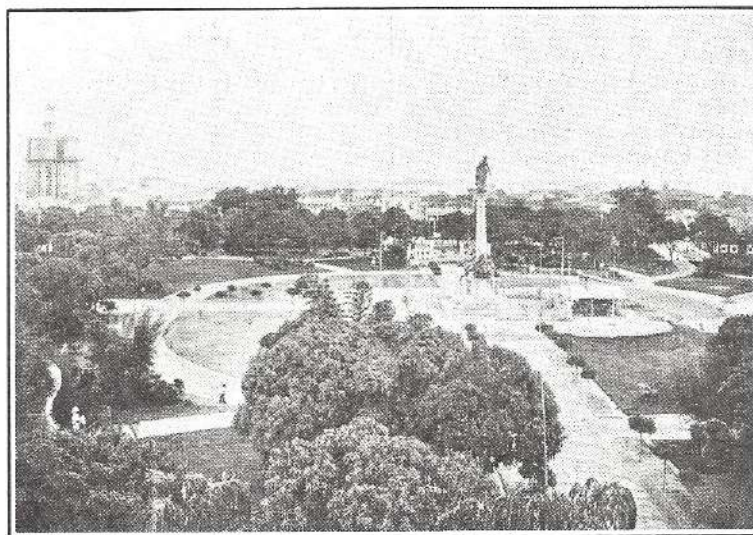
* Principais fontes: jornais e suplementos literários da Biblioteca Arthur Viana - CENTUR, Belém-Pará e Eneida ... Simplesmente Eneida, de Veloso Leão.



"O bonde circulando por entre ruas de paralelepípedos sombreadas de mangueiras, as fogueiras crepitando nas noites de São João... O rosto de Belém era pacato e provinciano quando nasceu Eneida de Moraes. Suas crônicas trazem impressas as lembranças de uma Belém gostosa e nostálgica que ela tanto amou..."

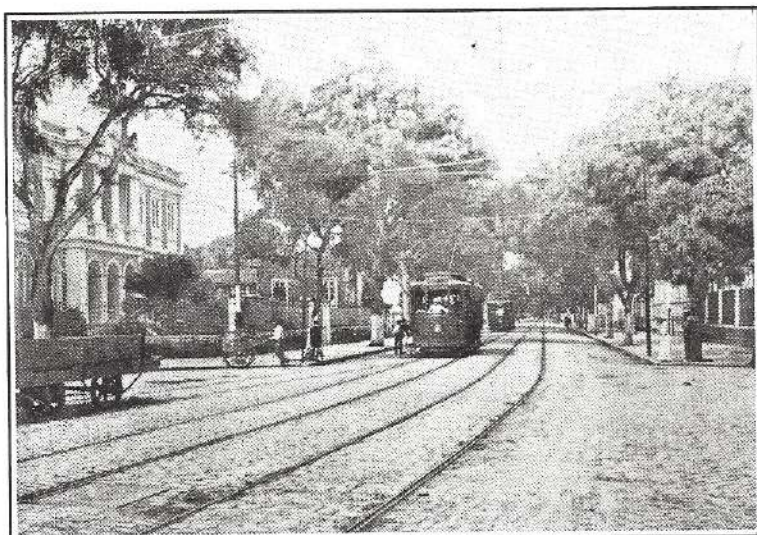
(in *Texto e Pretexo*, SEMEC, 1988).

"Viajei muito e muito a minha cidade nos quinze anos que passei longe dela. Aqui é o Largo da Pólvora, se bem que oficialmente se chame Praça da República. Ela está lá, numa estátua de corpo inteiro, cabeça erguida, túnica, barrete frígio, alta e esguia no alto do pedestal, dominando a cidade e tão contente como se estivesse caminhando em flores jogadas no seu caminho."
(in *Banho de Cheiro*).

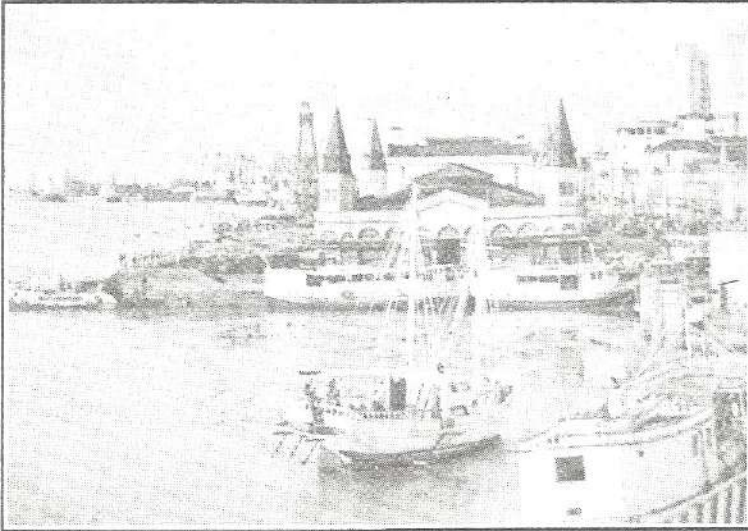


BELÉM - PRAÇA DA REPÚBLICA - 1908

"A Avenida Nazaré, ampla e larga, com suas mangueiras farfalhantes, indo até o largo onde há a igreja..."
(in *Banho de Cheiro*)



BELÉM - AVENIDA DE NAZARETH - 1908



“O Ver-o-Peso manchado de velas de todas as cores, com suas grandes barcaças que trazem, dos mais diversos pontos do Estado, peixe e frutas para a vida da cidade.”

(in Banho de Cheiro)



BELEM - 1908

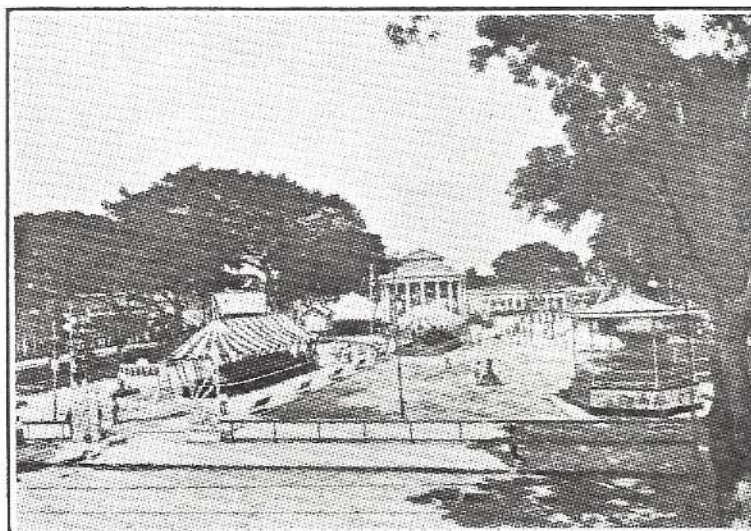
“Os bondes, limpos, elegantes, dois lugares de cada lado e um pequeno corredor ao centro, bondes ingleses da Pará Electric, que aos domingos tinham a elegância de aparecer com seus bancos vestidos de branco...”

(in Banho de Cheiro).



BELÉM - 1910

“No meu tempo de menina, com a borracha alta, as elegantes de Belém mandavam buscar na Europa vestidos especiais para as noites da festa de Nazaré. E desfilavam no Largo, como em passarelas.”
(in Banho de Cheiro)



Largo de Nazaré, durante as festas do Círio - 1910

“Mas, naquele largo, quando chega outubro, é a festa de Nazaré.”

(in Banho de Cheiro)



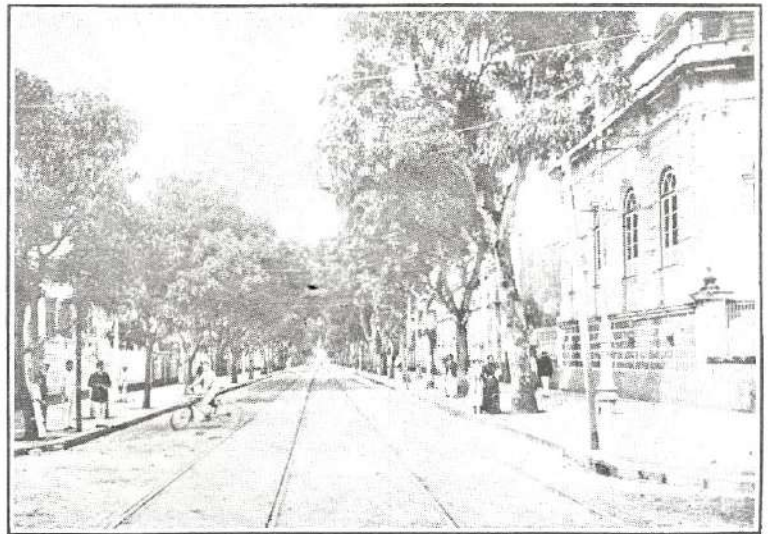
BELÉM - AVENIDA 16 DE NOVEMBRO - 1908

“As palmeiras da Rua 16 de Novembro, de Belém, são alegres; nem parecem - as insensíveis - que ouvem muito choro dos presos da cadeia São José. As mangueiras, são as árvores sempre amadas da cidade. E elas, que poderiam contar?”

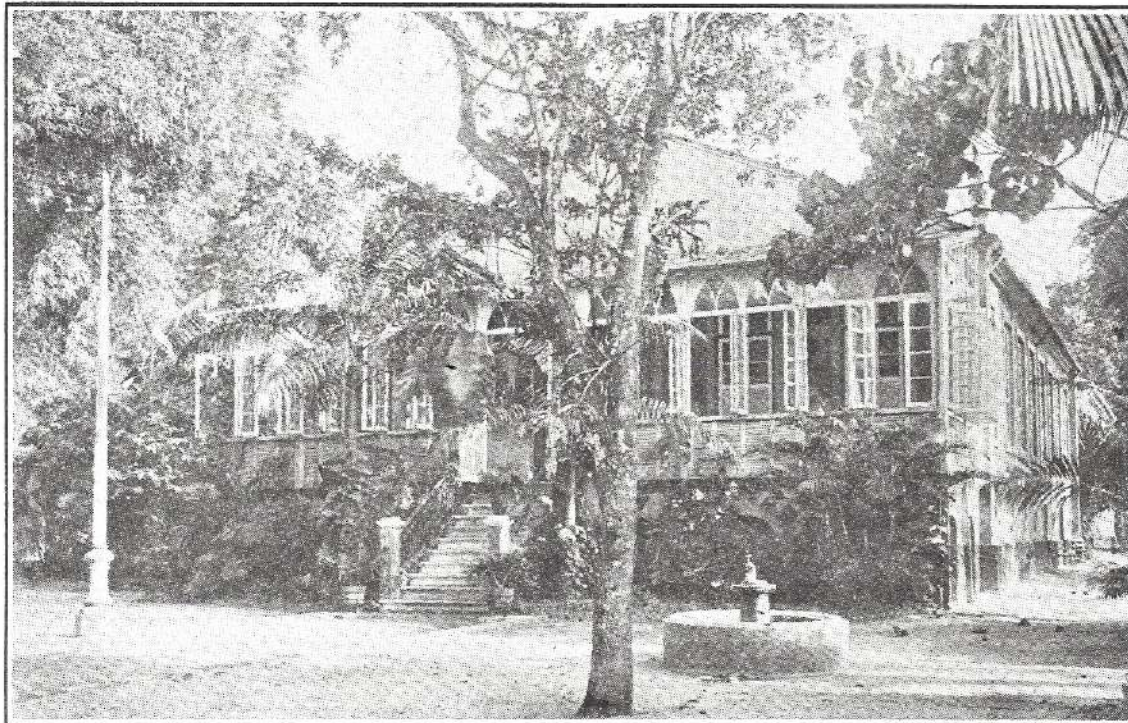
(in Banho de Cheiro)

“São Jerônimo, Dr. Morais; só em Belém Deodoro é Generalíssimo (o exagero amazônico); ruas de minha intimidade, as casas coloniais altas, com azulejos tão belos, pesadas, cheias de janelas, sacadas de ferro trabalhadas, todas falando da Belém colonial. E as mangueiras encarregando-se de dar sombra, faceiras sempre, tão faceiras que adoram a chegada de outubro, momento em que a Prefeitura manda pintar de branco seus troncos. Sempre desejaram ser bailarinas as nossas mangueiras; é o que sinto nelas desde menina.”

(in Banho de Cheiro)



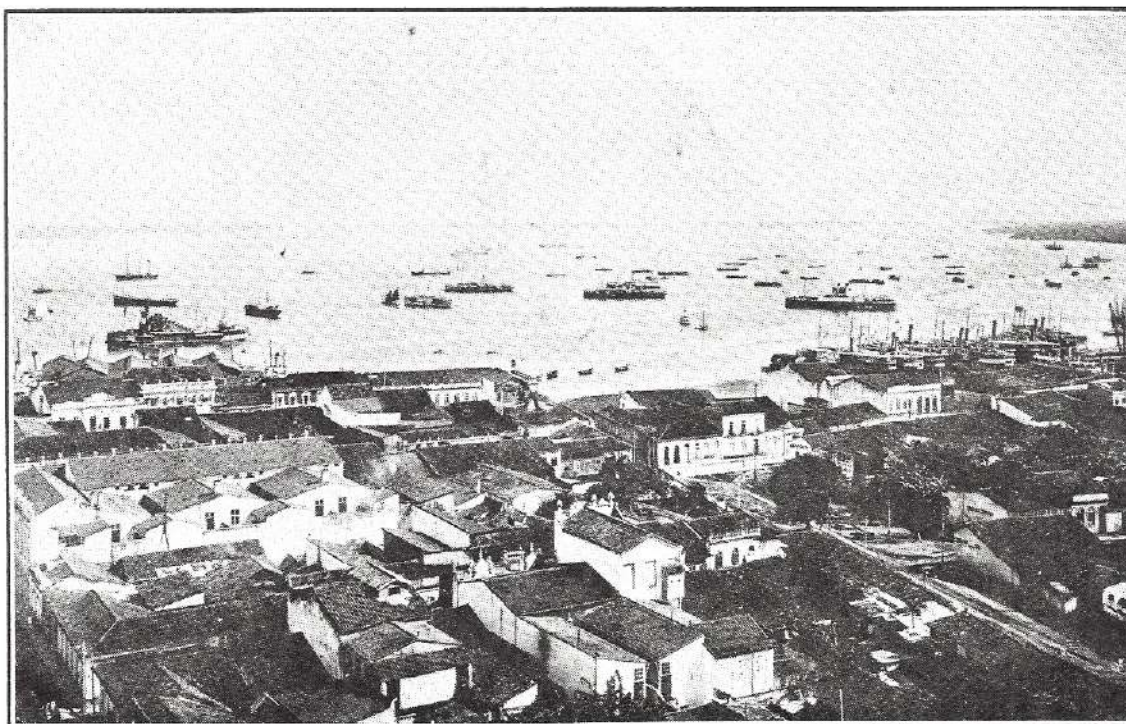
BELÉM - AVENIDA S. JERÔNIMO - 1908



ENTRADA DO MUSEU GOELDI,
BELÉM - 1907

“Aqui é o Museu Emilio Goeldi; menina, eu me extasiava diante das gaiolas dos pássaros, das jaulas dos animais, dos mostruários que Goeldi, o cientista, criou e organizou em 1894.”

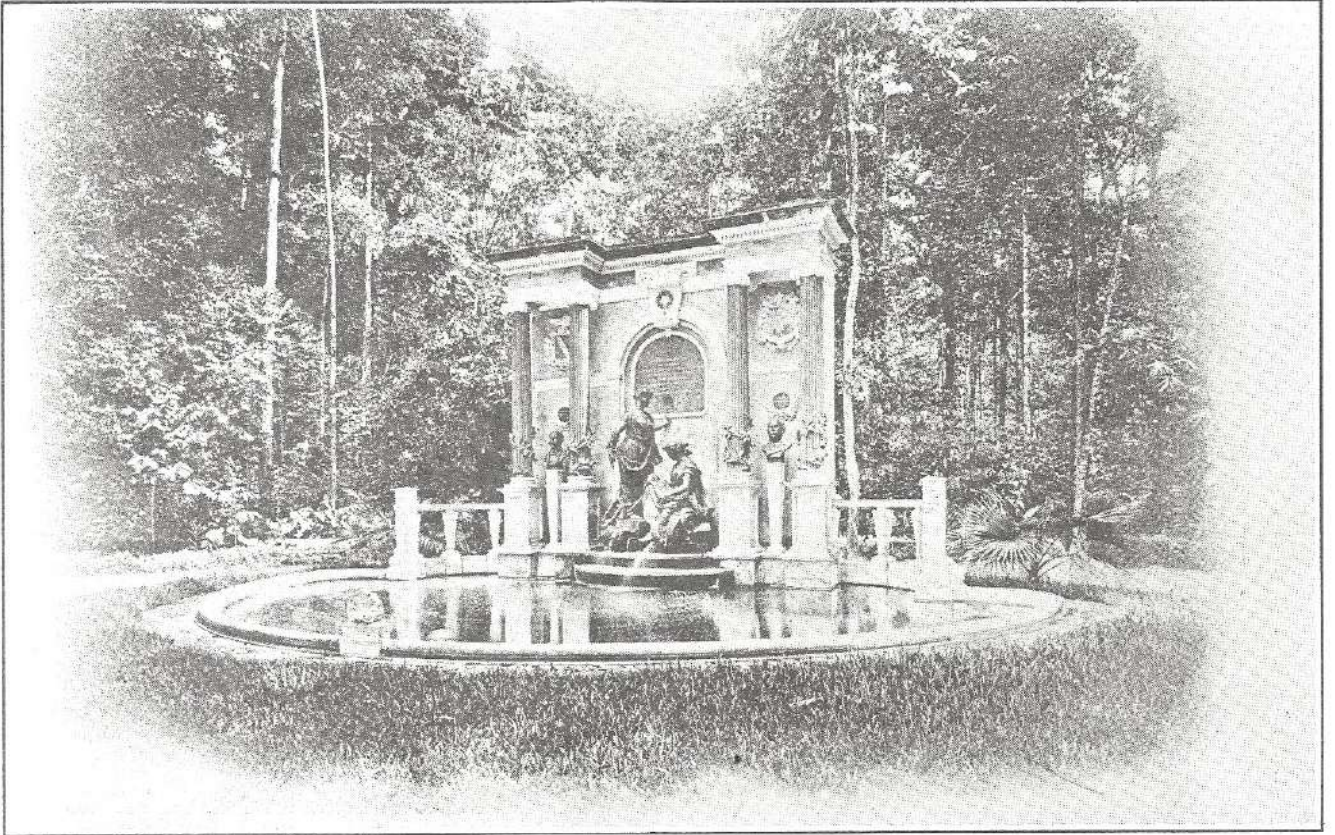
(in Banho de Cheiro)



CAIS DO PORTO, BELÉM - 1908

“Na manhã de domingo, Belém em festa estava toda na amurada do cais, navios cheios de bandeirolas ao largo, a baía do Guajará parda e serena...”

(in Banho de Cheiro)



BELÉM - MONUMENTO NO BOSQUE RODRIGUES ALVES

“Tudo nesta cidade onde nasci é parte poderosa, eloqüente na minha vida. Paisagens, personagens, ocorrências. Tanta coisa para contar dela. Nem falei no Bosque Rodrigues Alves com sua flora riquíssima, suas árvores imensas, seus recantos parecendo misteriosos. Não falei da Cidade Velha, onde a Catedral é a voz de nossos antepassados; do Teatro da Paz, tão belo. Das praias: Chapéu Virado, Mosqueiro, Murubira ou, mais perto, Icoaraci.

Não falei de tanta coisa.

Que importam os limites do Estado do Pará se para mim, ao norte, sul, leste, oeste, ele é todo limitado pelo meu grande amor?”

(in Banho de Cheiro)

"Por que sou capaz de relembrar assim fatos de épocas longínquas? Por que a qualquer momento uma estória qualquer se presta à ressurreição de atos, vozes, gestos e até mesmo olhos, narizes, cabelos, mãos, coisas que nenhum retrato guardou e que tomaram parte ativa na minha vida passada? Por que está tudo assim tão gravado em mim?"

(in Aruanda)



(Eneida criança, nas linhas de Genildo Mota)

“Foi tumultuosamente alegre, sadia, livre a minha infância. Brincava, pulava, vivia com as pernas escalavradas. Jamais desci uma escada sem ser pelo corrimão, jamais afastei uma cadeira para passar. Pulava por cima dela, o que muitas vezes levava-me a tombos enormes. Subia em árvores, jogava futebol, acompanhava meu irmão mais velho nas suas estripulias.”

(in Banco de Cheiro)

“Vida correndo, descoberta da infância tomando consistência na mocidade. Ohs e ahs desaparecendo, conhecimentos se aprofundando.”

(in Banho de Cheiro)



“Tanta mocidade, tanta alegria, tanta vontade de ser útil. Impossível continuar esbanjando vida, mas como encontrar o caminho da construção?”

(in Banho de Cheiro)



“Fui agraciada - para mim condecorada - na cidade da Guanabara com a Ordem da Árvore. Num canudo um diploma declara que sou amiga das árvores e, por isso, considerada Grande Oficial. Um pequenino emblema reafirma o canudo; uma árvore muito verde e muito folhuda lembra a mangueira da casa de meu pai. Até agora vivera sem títulos nem condecorações, mulher do povo sem grandeza, mas vivendo em dignidade.”

(in Banho de Cheiro)



Da esquerda para a direita: Gustavo Capanema, Affonso Pena Jr., Carlos Drummond de Andrade e Eneida

“Nada que fale de amor e suas conseqüentes exaltações, ânsias, decepções ou desejos, mas antes e sempre a imensa compreensão das grandes amizades.”

(in Aruanda)



“Sou uma mulher sem jóias e sem desejos de possuí-las.

Depois de me libertar do peso dos brilhantes, pérolas, esmeraldas e outras pedras, as prendas que possuo são sentimentais e evocativas...”

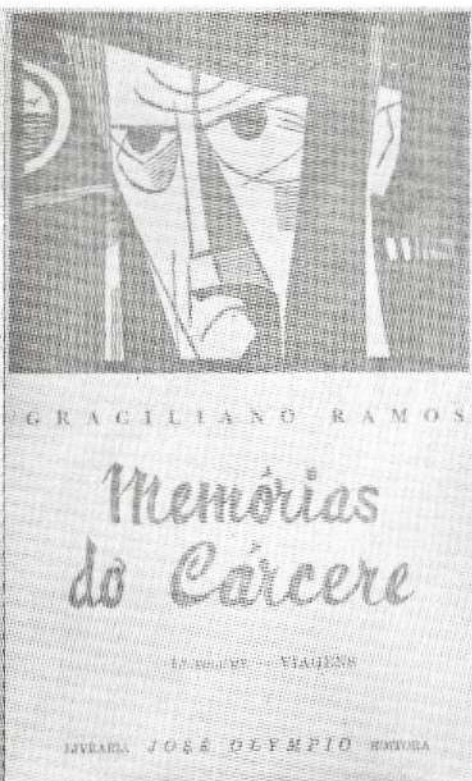
(in Aruanda).

“Em 1935, na cadeia, escrevi um livro de contos. Mostrei-o a Graciliano Ramos, meu companheiro de prisão, e ele destacou o *Guarda-Chuva* aconselhando-me a trabalhar melhor o assunto, aproveitando-o para um romance. Mais tarde incluí-o na sua antologia *Contos e Novelas de Todo o Brasil* que a Livraria Editora da Casa do Estudante do Brasil lançou em 1957.

Remexendo agora velhos papéis, encontrei o conto, lembrei o conselho de Graciliano e resolvi transformá-lo não num romance (nem fôlego tenho para tanto) mas nesta novela que do conto guarda muito pouco ou quase nada.

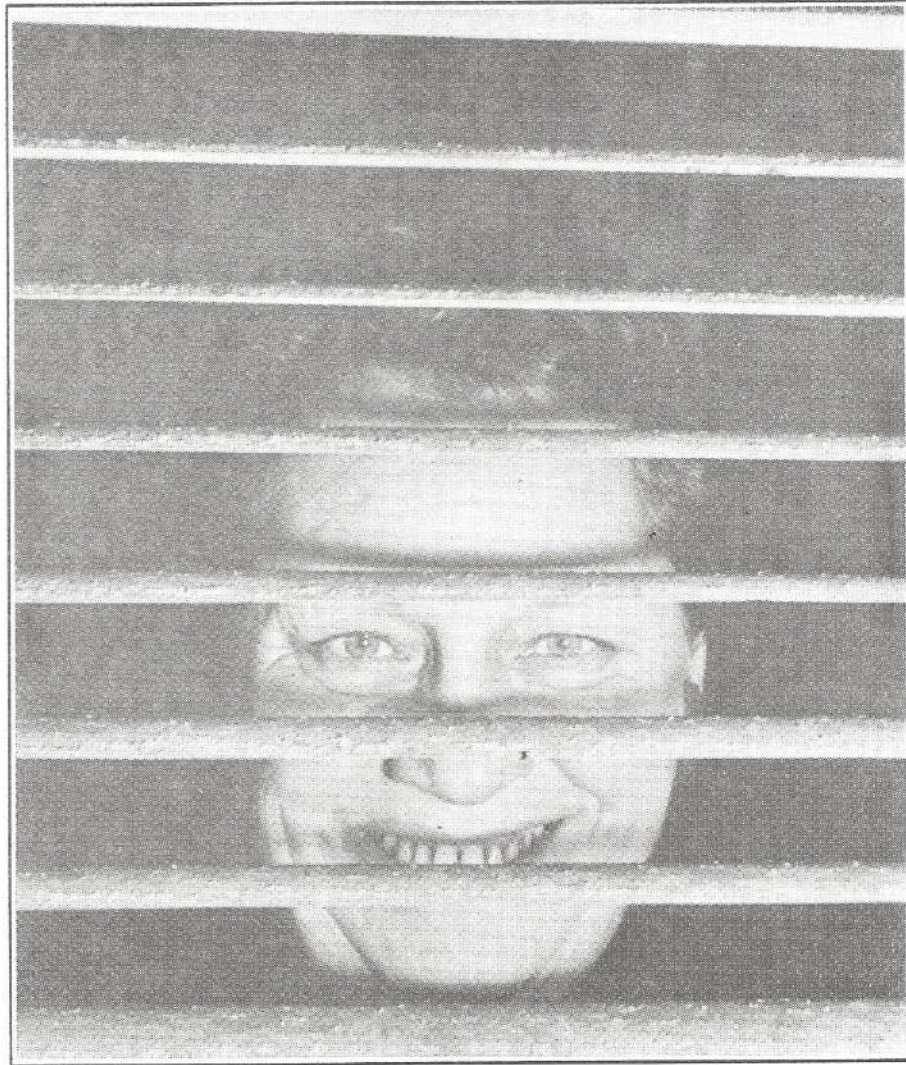
*Os outros dois trabalhos que compõem este livro: *Os assassinos* e *Boa-noite, professor* espero que sejam contos.”*

(in “Boa-noite, professor - prefácio)



*Foto da capa
da 1ª edição de
Memórias do cárcere.*

*Em 1935,
quando dirigia
a Instrução Pública
em Alagoas
e escrevia Angústia.*



"Não considero que cadeia seja título de glória ou de heroísmo, para qualquer militante comunista. É mais um desastre que outra coisa, daí não gostar de falar das minhas, daquelas que ocorreram independentes de minha vontade. Mas é preciso lembrá-las, contá-las, porque afinal elas fazem parte de nossas memórias.

(in Banho de Cheiro)



Arquivo de RP

Em 1960, numa de suas tardes de autógrafos na Livraria São José. Da esquerda para a direita: Renard Perez, Marques Rebelo, Aurélio Buarque de Holanda, Orígenes Lessa, Carlos Drummond de Andrade, o editor Ênio Silveira e Jorge Amado

"... até o dia em que me encontrei a mim mesma, encarei de frente os acontecimentos e comecei a viver novos momentos pelos quais posso ser acusada, criticada ou aplaudida. Outra vida de cuja construção sou a única responsável."

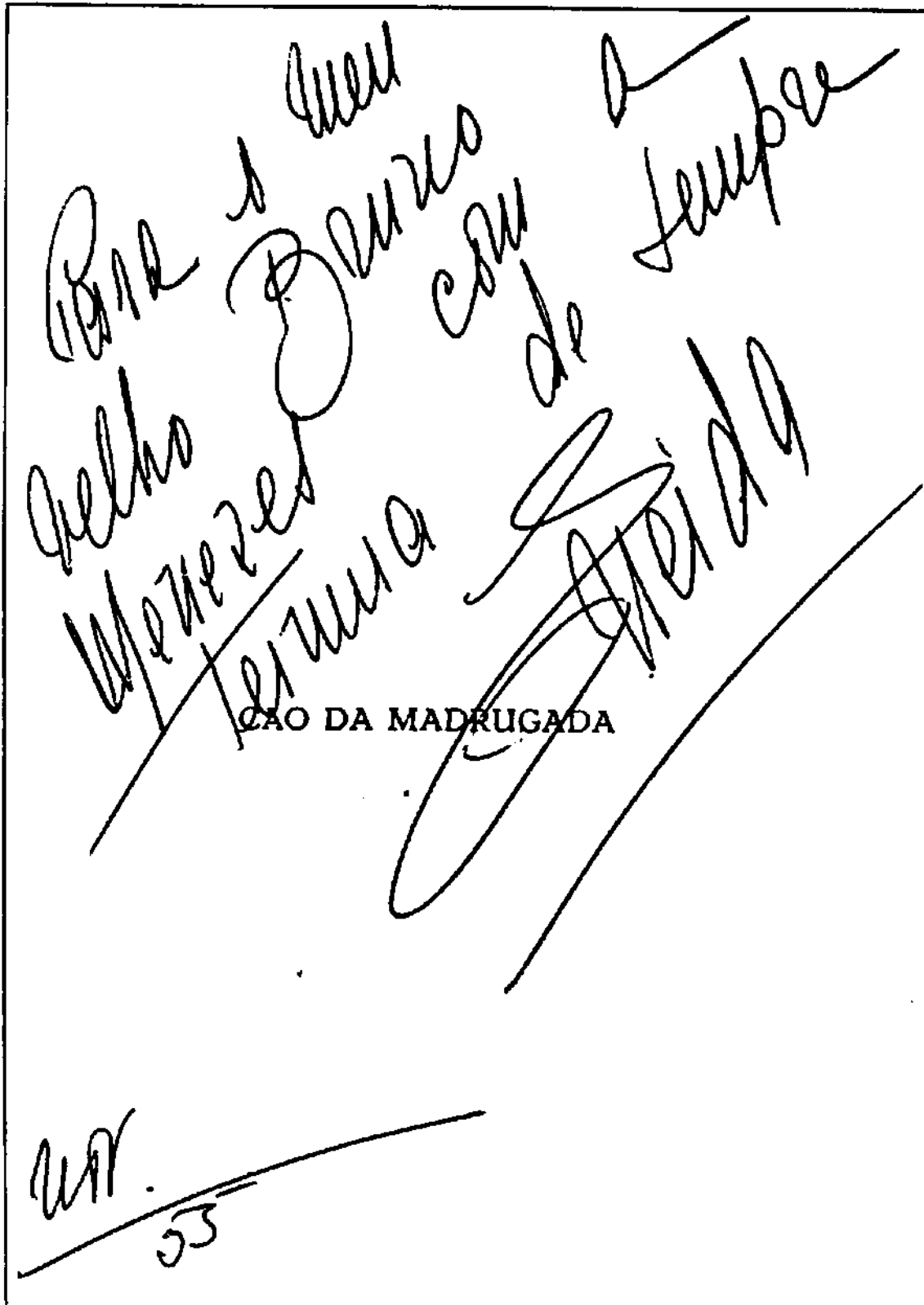
(in Aruanda).



“Não tenho medo da realidade, antes encaro-a com firmeza. Envelheci com esse princípio. A velhice não me causa pavor; não quero morrer, mas também não temo a morte.

Vou, pelo meu caminho, pisando firme. No meu túmulo - gostaria que fosse a vala comum - a única frase que mereço como epitáfio: - Esta mulher nunca topou chantagens.”

(in Banho de Cheiro).



Dedicatória para Bruno de Menezes, poeta paraense, na folha de rosto do livro *Cão da Madrugada*, em novembro de 1953.

"Carnaval e literatura são inseparáveis"

(História do Carnaval Carioca)



FOTO: (AGÊNCIA JB)

*"Como os pierrôs não tinham ambição política, preferi
acabar com o Baile para que eles não sofressem."*

(Eneida, fev. 1968 - J. Brasil)



Meu coração já mandou um aviso que é o enfarte. Do coração não quero morrer, simplesmente porque espero morrer como tenho vivido: conscientemente. Não penso na frase que devo pronunciar antes de morrer ou morrendo. Sei apenas que ela deve ser bem incisiva. Se pudesse, gostaria de morrer em Belém do Pará, a minha mui amada cidade. Servisse meu corpo para dar seiva às mangas do Cemitério de Santa Isabel, todo arborizado de mangueiras.

Mas estou viva e o importante é viver um pouco mais. É o que ora faço.

Je ne regrette rien, j'avance.

(in Banho de Cheiro)

“O gato veio para minha vida como todos os outros acontecimentos: entrou para os meus dias simples, natural, banalmente.

Ei-lo senhor de minha casa; ei-lo ligado a meu destino, personagem na minha vida. Chama-se José, nome que sempre dou a homens de bem.”

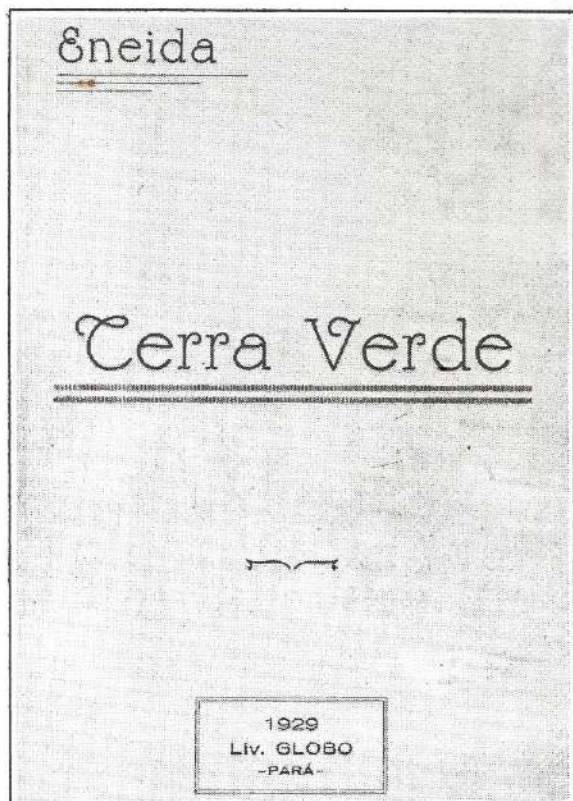
(in Aruanda).

* A fotografia ao fundo, mostra a tela pintada por Ademir Martins, grande amigo de Eneida. Representa o gato José, citado na crônica do mesmo nome.

Esta tela encontra-se na residência da senhora Elza Costa, viúva do irmão de Eneida - Guilherme Costa Filho.

*"Meu Pai é o livro mais interessante
que eu senti sobre o Amazonas".*

(in Terra Verde)

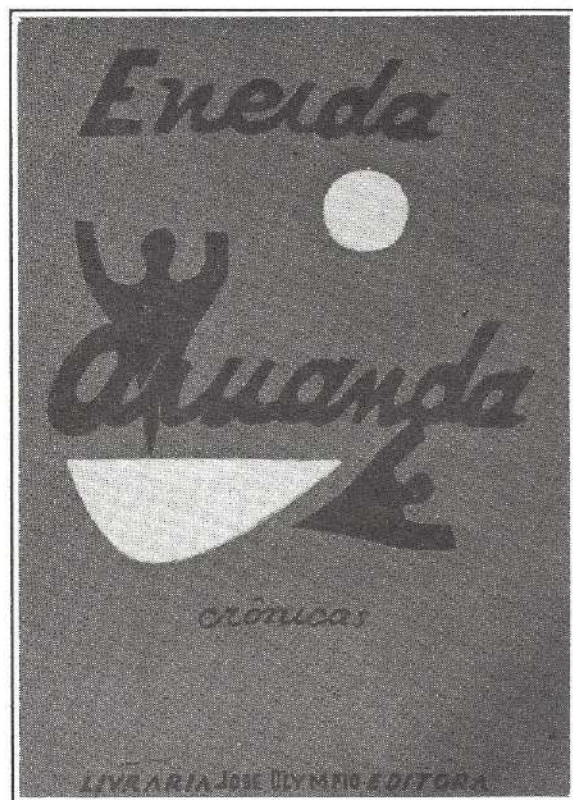


Livraria Globo, Belém-Pa. - 1929

*"Para a cidade onde nasci
este livro.*

*Como se fosse um ramo de
rosas vermelhas no túmulo
de meus pais."*

Santa Maria de Belém - 1929.



Livraria José Olympio Editora - Rio Gb - 1957

"A meus irmãos

Manduca

meu companheiro de travessuras

Guilherme

amigo de todas as horas."

Rio de Janeiro - 1957.



Editora Civilização Brasileira - Rio, Gb. - 1958



Record - Rio - 1987

Ao povo carioca, que sabe manter sua alegria e seu espírito crítico, extravasando-os em sua festa máxima - o carnaval; ao povo carioca que, na sua tremenda luta pela vida, é sempre tão desamparado pelos governos, tão crivado de deveres e despojado de direitos, mas que ensina a todos os povos do mundo as alegrias carnavalescas.



Editora Civilização Brasileira S.A. - Rio Gb. 1962

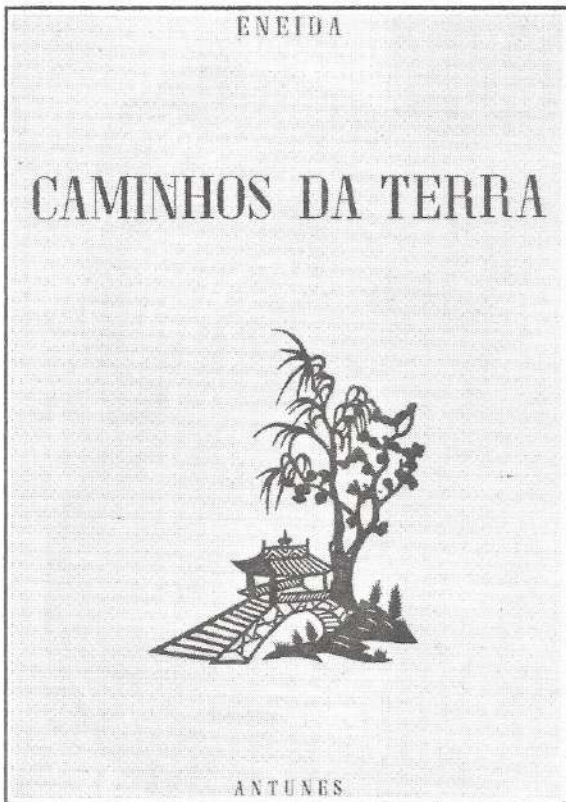
...
*"Para a cidade de Santa Maria de Belém
do Grão Pará este livro.
Também para Léa, minha filha.
Precisarei falar de amor?"*



Editora Civilização Brasileira S.A. - Rio Gb. - 1965

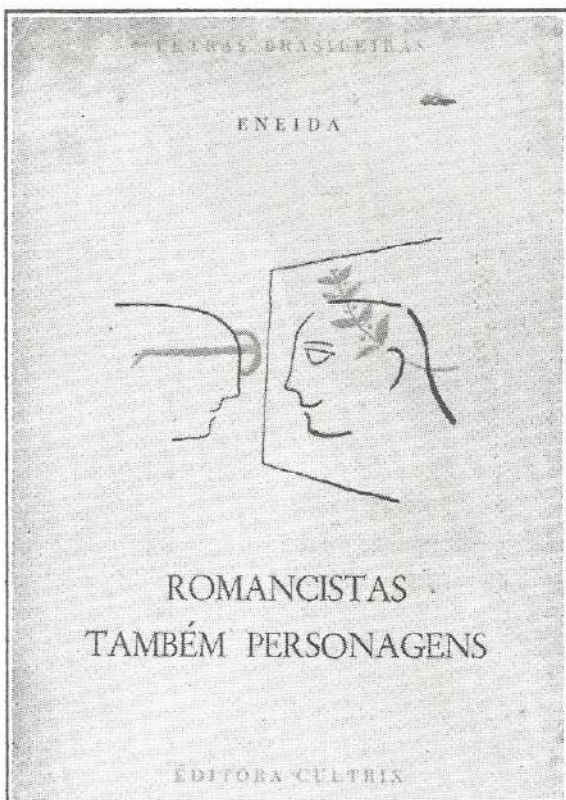
*A Anibal Machado
não à sua memória
mas à sua vida de Homem
e de Escritor*

*Para
Otávio Moraes
a quem chamo, orgulhosamente,
meu filho.*



Antunes e Cia. Ltda. - Rio Gb. - 1959

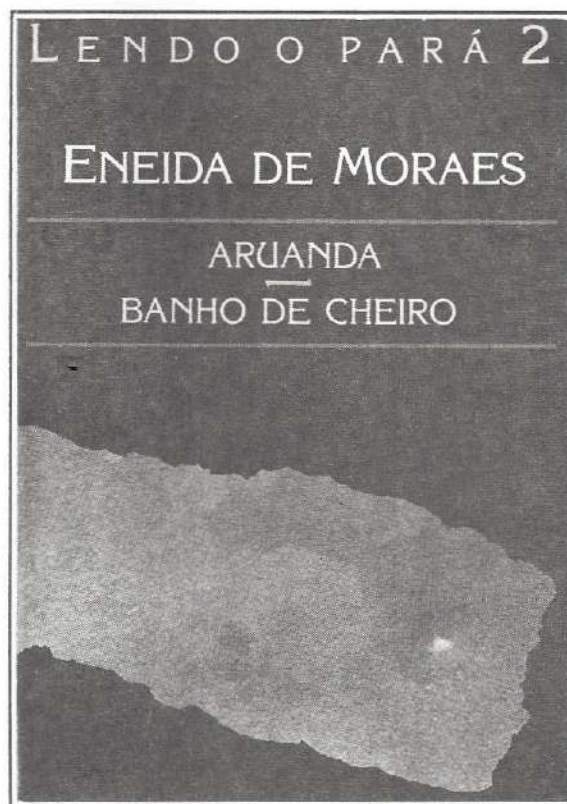
*“Os passos dos homens
abriram os caminhos da Terra;
a esses homens
este livro.”*



Editora Cultrix Ltda. - São Paulo - 1962

...
*Reafirmo: é livro de repórter. Peço
desculpas, peço passagem e dedico
este livro a **Jorge e Zélia**
Amado.*

Rio, outubro de 1961



SECULT / FCPTN - Belém, 1989

Capa do número 2 da Série **Lendo o Pará**, editado pela Secretaria de Estado da Cultura / Fundação Cultural do Pará "Tancredo Neves", contendo **Aruanda** e **Banho de Cheiro**, pesquisa de Vicente Salles e capa de Luciano Oliveira, impresso na Graficentro - CEJUP, Belém - Pará, 1989.

"Quando eu abro a minha Aruanda."

É o que quero fazer com este livro: abrir a minha Aruanda, meu passado e meu presente, para que ela deixe de ser apenas minha e se torne de todos, pois que para mim nada existe de meu: a própria vida é um grande bem coletivo.

(in Aruanda)



J. Bosco

Eneida, no traço de João Bosco

Eneida *

Manuel Bandeira

*Amigo houve aqui que
excomungo:*

- Amigo de cacaracá.

*Tu, tão querida do malungo,
Entra, Eneida, neste mafuá.*

* in "Mafuá do Molungo"